

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天正十三年三月廿一日
三月廿一日

O SARCÓFAGO EGÍPCIO DO MUSEU DA FARMÁCIA

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Inserido num programa de aumento quantitativo e qualitativo do seu acervo de antiguidades egípcias, o Museu da Farmácia, situado em Lisboa⁽¹⁾, tem vindo a adquirir vários objectos para a sua interessante e muito pedagógica colecção, que neste momento já ultrapassa uma centena. Uma das mais recentes aquisições foi um sarcófago datado da Época Baixa (664-332 a. C.), que recebeu o número de inventário 10307 e que apresenta as seguintes medidas: Alt.: 180 cm; Larg.: 50,8 cm. Este belo sarcófago de madeira estucada e envernizada, e cuidadosamente pintada, veio enriquecer ainda mais o sugestivo acervo lisboeta e tornou-se mesmo um símbolo para o próprio museu: a imagem escolhida para o panfleto informativo distribuído aos visitantes do Museu da Farmácia foi precisamente o sarcófago egípcio, que é o mais bem conservado dos dez que se encontram no nosso país⁽²⁾.

Trata-se de um sarcófago antropomórfico profusamente decorado e muito bem conservado (tem apenas uma racha na parte de trás, e falta de pintura em pequenas zonas da superfície), que pertenceu a uma dama chamada Irtierut, um nome típico da época em que o ataúde foi produzido, tal como o nome do pai (Padihor) e da mãe (Taremenubet)⁽³⁾. Apesar de se tratar de um sarcófago feito para uma mulher, a cor escolhida para o rosto foi o vermelho acastanhado, quando o habitual era uma cor mais clara e amarelada⁽⁴⁾.

A dama foi representada com um suave semblante, estando as sobrancelhas e os olhos bem delineados e expressivos, num rosto

arredondado e envolvido por uma espessa cabeleira tripartida de onde sobressaem as orelhas. Em cima da cabeça encontra-se uma inscrição hieroglífica, em duas colunas verticais e uma horizontal, a qual envolve um escaravelho preto a empurrar dois discos solares utilizando as patas dianteiras e as traseiras. Nos extremos estão os símbolos estilizados do Ocidente e do Oriente. Todo o conjunto é envolvido por um friso oval decorado a vermelho, amarelo e azul escuro (ver imagem mais à frente). A cabeleira está decorada de duas formas diferentes: a parte da frente, que cai para os lados do rosto sobre o peito, tem pontos brancos sobre o fundo escuro rematada na testa por uma fiada de pérolas, e atrás é estriada.

A decoração frontal exhibe um colar floral de várias voltas decorado com motivos geometrizes e rosáceas, o qual, a partir de certa altura (pela décima volta), perde a simetria das curvaturas, seguindo-se a deusa Nut alada e ajoelhada, encimada pelo seu nome e segurando duas penas maéticas⁽⁵⁾. A deusa posta-se sobre um banco decorado e o seu nome hieroglífico está inscrito dentro de um disco solar amarelo. De cada um dos lados, e separada por um texto de várias colunas, está a defunta com os barços erguidos perante Osíris que se encontra num trono de tipo arcaico, com o seu sudário branco, a coroa branca com plumas, grande colar no pescoço, exibindo nas mãos o ceptro *uase*⁽⁶⁾. Tanto a defunta como Osíris duplicam-se em simetria, sendo seguidos por inscrições verticais. O grande colar floral que ocupa quase um terço da decoração frontal do ataúde é rematado em cada uma das extremidades por cabeças de falcão solarizadas e colocadas junto dos ombros. As cabeças falcónidas estão sobre fundo vermelho e têm sobre elas um sol amarelo.

Segue-se, como elemento separador, uma linha com um texto hieroglífico na horizontal sobre fundo amarelo, começando abaixo uma nova temática. Vê-se o sarcófago da defunta sobre um leito com forma leonina, iluminada pelos raios solares na companhia do seu *ba* (ele mesmo identificado pelo nome de *Irtierut*), com quatro vasos de vísceras sob o leito, cada um deles com tampas que representam os quatro filhos de Hórus: *Imseti* com cabeça humana, *Hapi* com cabeça de babuíno, *Duamutef* com cabeça de canídeo e *Kebehsenuf* com cabeça de falcão⁽⁷⁾. Abaixo está o símbolo de Abido (o totem *tauer*) ladeado por Ísis e Néftis em típica pose de lamentação, estando cada deusa acompanhada por pequenas legendas: «Ísis, a deusa, ó filha de Geb, ó Osíris!» e «Néftis, ó filha de Ré, ó Osíris!»⁽⁸⁾. Ladeando a colina (*dju*)⁽⁹⁾, decorada com pontos vermelhos que suporta o símbolo abidiano, estão dois carneiros *ba* com plumas amonianas sobre estan-



dartes. Junto de cada carneiro encontra-se o signo hieroglífico *ba*. Vêm depois cinco colunas de texto na vertical. Este núcleo central é acompanhado lateralmente por várias figuras míticas exibindo elementos vegetais, que se perfilam dentro de capelas, com três frisos de cada lado. Nesta parte, como aliás em todo o sarcófago, o espaço deixado livre pelas imagens e pela decoração é preenchido com textos hieroglíficos com enquadramento, apresentando hieróglifos pintados a negro sobre fundo amarelo alternando com colunas que correm sobre fundo escuro.

Nas pequenas capelas encontram-se várias divindades, algumas delas menores, que são reconhecíveis pelas cabeças e pelas legendas ao lado de cada uma. Reconhecem-se no primeiro friso à esquerda Hapi, Kebehsenuf e Tot, no segundo Khentimentiu (?), Hórus e Ré-Horakhti, no terceiro Geb, Nut e Serket. No primeiro friso à direita Imseti e Duamutef, no segundo Anúbis e no terceiro Chu, sendo problemática a identificação das restantes figuras⁽¹⁰⁾.

Segue-se de novo, como elemento separador, uma linha com um texto hieroglífico na horizontal sobre fundo amarelo, marcando a curvatura que indica o começo dos pés. Nesta zona, e numa posição invertida, está a deusa Ísis com dois canídeos longilíneos e pretos sobre santuários (evocação de Anúbis) e dois olhos *udja*⁽¹¹⁾, estando o conjunto rodeado por textos hieroglíficos. É típica a posição invertida da deusa Ísis em relação ao conjunto da iconografia: é que assim o defunto, erguendo-se, via logo Ísis a seus pés. A base do sarcófago é preenchida nos seus quatro lados por uma inscrição hieroglífica sobre fundo amarelo e delimitada por traços a vermelho.

Separando a parte da frente da parte de trás do sarcófago foi representada uma grande serpente conhecida pelo nome de Uroboros. O ofídeo exhibe sobre a cabeça uma coroa branca e desliza de baixo para cima, acompanhando a abertura de separação das duas partes do sarcófago⁽¹²⁾.

A parte de trás do sarcófago encontra-se quase toda preenchida por um grande pilar *djed*, evocando a coluna vertebral de Osíris (e, afinal, da própria defunta). Como é tradicional, o pilar apresenta uma decoração com as cores alternadas de vermelho e azul escuro que habitualmente o decoram⁽¹³⁾. A parte superior tem as típicas quatro saliências com cabeças de serpente rematando-se em cima por duas plumas elevadas que saem de um sol vermelho sobre uma cornamenta retorcida da qual partem também duas serpentes solarizadas. Na parte inferior do pilar estão oito babuínos (quatro de cada lado) em pose de veneração⁽¹⁴⁾, com a particularidade de quatro deles,

alternadamente, exibirem falos vermelhos erectos, só que mal colocados. De facto, os falos deviam figurar apenas nos babuínos machos, mas tal não acontece, estando também em duas fêmeas. Junto de cada babuíno, e identificando-os, há pequenas inscrições hieroglíficas que fazem alusão às oito divindades da Ogdóade de Hermópolis: Kek e Kauket, Nun e Naunet, Heh e Hauhet, Amon e Amonet⁽¹⁵⁾. Em todos eles surge uma idêntica inscrição que se repete: «Adorar o deus quatro vezes». Todo o conjunto é delimitado por frisos separadores com decoração a vermelho e azul escuro, e está encimado pela grande peruca estriada terminando em pequenos triângulos e que cai até abaixo dos ombros. De cada lado da peruca, e postando-se em veneração perante as cabeças de falcão que rematam o colar floral, estão as figuras ajoelhadas de Ísis (à direita) e Néftis (à esquerda), com os seus respectivos hieróglifos identificadores sobre a cabeça. Ambas as deusas seguram o signo *chen* (protecção) junto do solo onde se ajoelham e são acompanhadas por pequenos textos. Junto de Ísis o texto diz «Palavras ditas por Ísis, tua irmã, ó Osíris!», repetindo-se o mesmo ao lado de Néftis «Palavras ditas por Néftis, tua irmã, ó Osíris!».

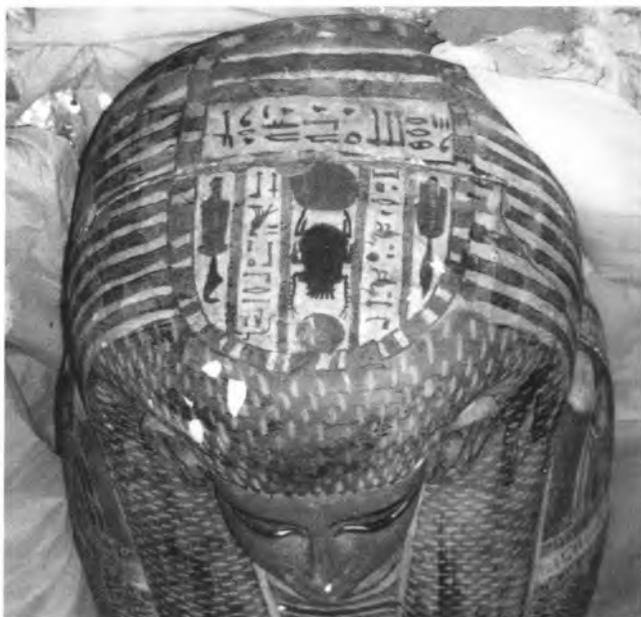
É precisamente na parte de trás do sarcófago que se encontra o único defeito deste notável objecto, uma racha na madeira que começa a meio do pilar e vai, na oblíqua, até à parte lateral, sem no entanto impedir a leitura da iconografia e dos pequenos textos.

As inscrições do sarcófago

Os textos hieroglíficos que por todo o espaço se podem ler contribuem, com as muitas imagens que por vezes legendam, para tornar mais densa a profusa decoração do ataúde. Os textos são bastante repetitivos, insistindo sobretudo na invocação de deuses e no nome da defunta, geralmente acompanhada pelo nome do pai (Padihor) e, em certos casos, pelo da mãe (Taremenubet). A maior parte dos textos foi pintada com hieróglifos pretos sobre fundo amarelo, mas algumas partes foram colocadas sobre fundo escuro, o que por vezes dificulta a leitura. Além disto, vários hieróglifos foram desajeitadamente escritos, outros desapareceram, e outros ainda afiguram-se supérfluos para a leitura. As traduções que de seguida se apresentam, com alguns exemplos dos textos, levaram em conta estes aspectos. Um exemplo característico de superfluidade redaccional vê-se com a insistente presença do pronome demonstrativo *pen* (*pn*), «este», que nas traduções se suprimiu.

Texto sobre a cabeça:

«Palavras ditas por Ré-Horakhti, deus grande: Concedo a faculdade ao teu *ba* para (ir para) o céu, (que é) poderoso de facto na terra e na morada da Enéade, Irtierut.»



Pormenor da decoração da cabeça do sarcófago de Irtierut.

Texto ao lado de Nut, à esquerda:

«Palavras ditas por Nut, a grande filha dos deuses: Ó Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, feita pela dona de casa, sua mãe, Taremenubet.»

Texto ao lado de Nut, à direita:

«Palavras ditas por Ísis, filha de deus: Ó Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, feita pela dona de casa, sua mãe, Taremenubet.»

Texto em baixo de Nut, na horizontal:

«Palavras ditas por Nut: Osíris Irtierut, trago o teu alimento (...), coloco-o no seu lugar para que navegues no céu em paz, coloco o teu rosto no horizonte, sem morrer, eternamente. Osíris Irtierut, filha de Padihor.»

Texto em baixo do símbolo de Abido, na vertical:

«Palavras ditas por Nut: Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, a sua mãe (é) Taremenubet. Eu sou a tua mãe Nut, dou protecção e brilho para ti, todos os dias. Sou como Ré, ponho as mãos no rosto e coloco-o no horizonte (...) ó Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, a sua mãe é Taremenubet.»

Texto junto dos pés na vertical, à esquerda:

«Palavras ditas por Néftis, tua irmã: Ó Osíris Irtierut, justificada, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração de Ré-Horakhti, deus grande, filha da dona de casa, sua mãe, Taremenubet, justificada, senhora de veneração de Ré.»

Texto junto dos pés na vertical, à direita:

«Palavras ditas por Ísis, tua irmã: Ó Osíris Irtierut, justificada, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração de Ré-Horakhti, deus grande, filha da dona de casa, sua mãe, Taremenubet, justificada, senhora de veneração de Ré.»

Texto vertical que começa no ombro esquerdo:

«Oferta feita pelo rei a Osíris-Sokar, deus grande (...), para que lhe conceda o brilho tal como brilha o seu filho Ré no céu, ó Osíris Irtierut, justificada, senhora de veneração, filha de Padihor, justificado, nascida de Taremenubet, justificada, senhora de veneração.

Palavras ditas por Néftis: Trago-te a existência e a protecção ó Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração, feita pela dona de casa, nascida de Taremenubet, justificada, senhora de veneração de Ré-Horakhti, deus grande.

Palavras ditas por Nekhbet: Ó Osíris Irtierut, justificada, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração de Ré-Horakhti, deus grande, senhor do céu, feita pela dona de casa, nascida de Taremenubet, justificada, senhora de veneração de Ré.»

Texto vertical que começa no ombro direito:

«Oferta feita pelo rei a Osíris, senhor do Ocidente, deus grande, senhor de Abido, para que ele conceda pão, cerveja, carne de bovinos e de aves, incenso, vestuário, recipientes de alabastro, tudo coisas boas e puras, para o ka da Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração.

Palavras ditas por Ísis, a deusa: Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração de Ré-Horakhti, deus grande, senhor do céu, feita pela dona de casa, sua mãe, Taremenubet, justificada, senhora de veneração de Ré-Horakhti, deus grande.

Palavras ditas por Uadjit: Ó Osíris Irtierut, filha de Padihor, justificado, senhora de veneração, feita pela dona de casa, sua mãe, Taremenubet, justificada, senhora de veneração.»

Como exemplo de um texto hieroglífico do sarcófago aqui se deixa a inscrição que está na base, em quatro linhas horizontais.



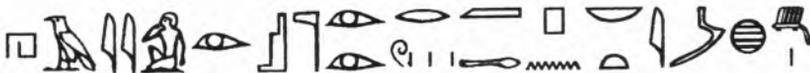
Oferta que faz o rei a Osíris, senhor do Ocidente, deus grande, senhor de Abido,



para que ele dê um belo sarcófago de alabastro na necrópole do Ocidente.
Que (ela) possa entrar e sair de Ra-setau



(em) paz, na necrópole do belo Ocidente, a Osíris Irtierut, justificada, senhora de veneração.



Ó Osíris Irtierut, justificada, senhora de veneração.

Notas

(1) O Museu da Farmácia possui nesta altura cerca de cem objectos egípcios que se encontram em fase de estudo, prevendo-se para breve a edição do respectivo catálogo. Dada a importância do sarcófago, fez-se dele um estudo à parte que aqui se publica. É justo manifestar um sincero reconhecimento às facilidades concedidas pelo Dr. João Neto e Dra Paula Basso, respectivamente director e conservadora do Museu da Farmácia. O sarcófago de Irtierut foi adquirido em 1940 pelo colecionador Josef Nestor, em circunstâncias desconhecidas, passando a integrar a The Plaisant Josef Nestor Collection. Foi depois leiloado pela casa Christie's e adquirido pelo Museu da Farmácia, em cujas instalações deu entrada em 8 de Março de 2002.

(2) Existem dois sarcófagos egípcios no Museu Nacional de Arqueologia (ver ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, pp. 215-308), um no Museu Arqueológico do Carmo (ver ARAÚJO, «Sarcófago e múmia egípcias», em *Museu Arqueológico do Carmo. Roteiro da exposição permanente*, pp. 137-141), cinco na Sociedade de Geografia de Lisboa e um no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, estando estes últimos ainda em fase de estudo.

(3) Para o nome da proprietária do sarcófago ver RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, 42.10. Para o nome do pai (Padihor) ver I,124.18, e para o nome da mãe (Taremenubet) ver I,224,17.

(4) Na Época Baixa as cores já não seguiam tão rigidamente os típicos cânones, como se pode ver em partes superiores de sarcófagos expostas no Museu Nacional de Arqueologia, um masculino com a tradicional pêra osírica e outro feminino (ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, pp. 316-317).

(5) Como símbolo da deusa Maet, imagem divinizada da verdade, justiça, harmonia, equilíbrio, rectidão e ordem universal, entre outros atributos.

(6) Com o significado de prosperidade. Para o signo veja-se FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 54.

(7) Para os quatro filhos de Hórus veja-se SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 56-57.

(8) O totem de Abido figura também nos sarcófagos de Pabasa e de Irtieru, expostos no Museu Nacional de Arqueologia (ver ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, pp. 294 e 306).

(9) Para o signo veja-se FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 320.

(10) É possível que uma das figuras em mau estado de conservação corresponda à deusa Tefnut, para assim fazer par com Chu, tal como aparece Geb com a sua esposa Nut. São dois dos casais que integram a Enéade de Heliópolis.

(11) O *udjat* é o olho mágico do deus Hórus.

(12) Tal como no sarcófago do Museu Arqueológico do Carmo, onde o ofídeo está representado nos dois lados da peça (ver ARAÚJO, «Sarcófago e múmia egípcias», p. 140).

(13) O pilar *djed* (estabilidade) está também pintado nas costas do sarcófago de Pabasa, da Museu Nacional de Arqueologia (ver ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, p. 299).

(14) O babuíno é um dos animais sagrados do deus Tot, figurando em certos casos como sua hipostase. Aqui aludem aos oito deuses da Ogdóade.

(15) Para a Ogdóade de Hermópolis veja-se SALES, *As Divindades Egípcias*, pp. 68-70.

Bibliografia consultada

- Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993
- Luís Manuel de ARAÚJO, «Sarcófagos», em Id. (dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 765-767
- Luís Manuel de ARAÚJO, «Sarcófago e múmia egípcias», em *Museu Arqueológico do Carmo. Roteiro da exposição permanente*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2002, pp. 137-141
- Raymond O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford: Oxford University Press, 1984
- Isabelle FRANCO, *Rites et Croyances d'Éternité*, Bibliothèque de l'Égypte Ancienne, Paris: Ed. Pygmalion, 1993
- Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3ª ed. revista, Oxford: Griffith Institute, 1988
- Manfred LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, Londres: Thames and Hudson, 1991
- Hermann RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, Glückstadt: Verlag J. J. Augustin, 1935
- José das Candeias SALES, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto Antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999
- Serge SAUNERON, «Sarcophage», em Georges Posener (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Fernand Hazan, 1970, pp. 257-258
- Wilfried SEIPEL, *Ägypten. Götter, Gräber und die Kunst. 4000 Jahre Jenseitsglaube*, Linz: Schlossmuseum Linz, 1989.